

RELATO DE EXPERIÊNCIA

CONTRIBUINDO PARA A DESCONSTRUÇÃO DO PRECONCEITO ENTRE AS CRIANÇAS ALBINAS EM ANGOLA

AUTORIA

SILVA, Tiago Santos (autor); ROCHA, João Victor Costa (co-autor); FERREIRA, Maria Clemência Pinheiro de Lima (professora orientadora).

RESUMO

O projeto Eduka+Angola é uma atividade de extensão acadêmica que engloba várias áreas do conhecimento. Sua 3ª edição teve lugar em janeiro de 2020, com uma equipe de acadêmicos e professores da UniEvangélica. O presente relato de experiência tem como objetivo apresentar a temática a respeito da discriminação de pessoas albinas nas regiões pelas quais o grupo passou, avançando na compreensão desse processo, alargando a abordagem do assunto e refletindo sobre a contribuição das atividades socioeducativas realizadas com crianças. O preconceito contra as pessoas portadoras desses genes especiais é presente e constitui um empecilho para as relações sociais. Acreditamos que as atividades socioeducativas realizadas, sobretudo com crianças, amenizaram o processo discriminatório, uma vez que crianças foram envolvidas em brincadeiras e jogos. Percebemos aproximação, comunicação e alegria durante as atividades lúdicas, contribuindo para o bem-estar social da população alcançada.

Palavras-chave:

Albinismo, atividades sócio educativas; discriminação

ABSTRACT

The Eduka+Angola project is an academic extension activity that encompasses several areas of knowledge. Its 3rd edition took place in January 2020, with a team of academics and professors from UniEvangélica. The present experience report aims to present the theme regarding discrimination against albino people in the regions the group has gone through, advancing the understanding of this process, broadening the approach to the subject and reflecting on the contribution of socio-educational activities carried out with children. Prejudice against people with these special genes is present and constitutes an obstacle to social relations. We believe that the socio-educational activities carried out, especially with children, softened the discriminatory process, since children were involved in games. We perceive closeness, communication and joy during playful activities, contributing to the social well-being of the population reached.

Key words:

Albinism, socio-educational activities; discrimination

INTRODUÇÃO

O projeto Eduka + Angola trata-se de uma atividade de extensão acadêmica que se dá em um contexto transcultural e tem por objetivo capacitar professores da escola primária com relação às metodologias de ensino e aprendizagem. Na sua 3ª edição, a qual ocorreu de 02 a 20 de janeiro de 2020, a equipe foi constituída por discentes, docentes e convidados, sendo que os acadêmicos da UniEVANGÉLICA envolvidos eram dos seguintes cursos: Direito, Educação Física, Psicologia, Medicina e Pedagogia; além de uma acadêmica de Farmácia da UnB, duas pedagogas da rede pública do município de Anápolis e duas docentes do Centro Universitário de Anápolis.

Para capacitação dos membros da equipe antes da viagem, foram realizados encontros quinzenais durante vários meses, ocasião na qual recebemos orientações sobre a montagem e realização de oficinas pedagógicas que seriam ministradas a professores, mas também foram abordados elementos da cultura local com reflexões sobre comportamentos diante do novo, o que, naturalmente poderia causar estranheza. O projeto visou ações referentes à educação formal e não formal e teve como objetivo contribuir na capacitação de professores de várias regiões do país, além de contribuir com o desenvolvimento de crianças por meio de atividades sócio educativas. Para o alcance das ações, a equipe organizou durante o segundo semestre de 2019, campanhas de doação de materiais como bolas, coletes, petecas, tecidos, bonecas e materiais escolares os quais foram levados do Brasil e utilizados nos jogos e brincadeiras, além de quantia em dinheiro para a reforma da escola.

Durante a estadia em Angola, fomos despertados a repensar sobre nossos valores, os quais geralmente são categorizados como “certos” devido ao nosso etnocentrismo, porém convivemos em espaços com diferentes conceitos e adquirimos novos conhecimentos.

Dentro de todo o contexto vivenciado, a discriminação de pele foi uma das situações que nos chamou muita atenção. A prevalência do albinismo no continente africano é maior que em outros continentes devido aos casamentos consanguíneos, além de que essa condição é determinada por combinações genéticas de modo recessiva, sendo

então um distúrbio hereditário, ou seja, uma vez albino, sempre albino (CRUZ-INIGO; LADIZINSKI; SETHI, 2011). Identificamos em sites, notícias recentes relatando ações da Organização das Nações Unidas (ONU) confrontando a discriminação e os ataques contra os albinos na África, principalmente na África Subsaariana, da qual Angola faz parte. Dessarte, torna-se evidente a relevância de discutir a questão da discriminação do albinismo na África, uma vez que os nativos acreditam que se trata de maldição ou fenômeno sobrenatural maligno (CRUZ-INIGO; LADIZINSKI; SETHI, 2011).

Partindo dessa premissa, o presente relato teve como objetivo apresentar a temática a respeito da discriminação de pessoas albinas em Angola, avançando na compreensão deste processo alargando a abordagem do assunto e refletindo sobre a contribuição das atividades socioeducativas realizadas com as crianças.

METODOLOGIA

Durante o projeto tivemos contato com várias pessoas de diferentes províncias, desde de Uíge, que está ao norte da Angola, até Namíbe, a qual está ao sul. Viajamos mais de 1500 km durante toda a estadia em terras angolanas, visto que fomos de Luanda para Bié, de Bié para Huambo e, por fim, de Huambo para Luanda. Prestamos nossos serviços em áreas urbanas e rurais, respectivamente, iniciando na Igreja Evangélica Congregacional em Angola (IECA - Luanda), parceira deste projeto, até a região da Caputa, uma aldeia na província de Huambo. O público alvo foram os professores destas localidades, os quais foram alcançados por meio de oficinas pedagógicas, visando o empoderamento no ensino. Em algumas regiões, o público alvo foram também as crianças, com as quais desenvolvemos atividades lúdicas socioeducativas. Os grupos foram mobilizados pelos líderes locais e os acadêmicos, anteriormente preparados, desenvolvem a oficina com conteúdo específico de cada área de conhecimento.

Presenciamos fragilidades em vários sentidos na aldeia da Caputa, onde passamos cinco dias reformando uma escola e realizando atividades socioeducativas com as crianças, sendo este o público alvo, referente à experiência relatada no presente texto. Neste convívio, percebíamos comportamentos de discriminação e preconceitos para com as crianças albinas.

Tal percepção nos impulsionou em direção a minimizar essa discriminação, com base no que as atividades lúdicas podem provocar no convívio entre as pessoas. Pautamos o alcance das ações propostas no que Kishimoto (2017) e Maranhão, et al (2007) afirmam sobre a eficácia do uso de brincadeiras para a construção de habilidades sociais como a empatia e a construção de uma identidade cultural. Dentre as atividades lúdicas, confeccionamos bonecas de pano, realizamos jogos cantados e jogos cooperativos, futebol e queimada, envolvemo-las em teatro e contação de história.

A terceira edição do Projeto Eduka+Angola, alcançou 844 atendimentos durante as ações nos 18 dias de convívio em Angola.

RELATO DE EXPERIÊNCIA E RESULTADOS

A falta de saneamento básico, água potável, moradias com pouca ou nenhuma resistência a eventos naturais (como enchentes), má distribuição de renda e trabalhos ficam mais em evidência nas zonas rurais, onde o Estado dá menos suporte e apoio, sendo que as oportunidades são menores, principalmente de emprego e estudo. A compreensão de Jenkins (1990) é que o contexto em que o indivíduo está inserido influencia muito mais em sua vida pessoal, aumentando os estigmas sociais. Portanto, nota-se a relevância de análises em relação ao ambiente em que os angolanos vivem, porém, além dos fatores físicos, existe uma série de outras complexidades como a questão do preconceito entre os próprios nativos com relação ao albinismo.

Destacamos aqui, a preocupação da coordenação do projeto com o bem-estar dos participantes buscando precaver os impactos emocionais para além de toda preparação em capacitar os acadêmicos para a realização de oficinas e os processos burocráticos, como a emissão do visto e demais documentação tanto no Brasil como em Angola.

A programação previa um percurso que partiu de realidades menos sofridas, como a estadia em Luanda nos primeiros dias e o contato com as pessoas no Bié durante o Seminário de Educação, para então seguirmos até a aldeia da Caputa, um lugar em que prevalece a pobreza material e outras limitações. Lá tivemos vários momentos de contato com as crianças por meio de teatro, jogos cantados, apresentação de coreografias, contação de histórias, confecção de brinquedos e bonecas de TNT, jogos motores, dinâmicas de

integração, pintura facial, além do envolvimento informal enquanto reformávamos a escola.

Em um primeiro momento, sentimos que as crianças em geral não se expressavam e se demonstravam tímidas e retraídas, apresentando inclusive medo e insegurança; pensamos que até mesmo que isso seria um grande problema para desenvolver as atividades. Mas em cada ocasião, depois da explicação das atividades, elas iam se soltando durante a realização das brincadeiras e conseguíamos nos aproximar. Neste sentido, as crianças albinas eram as que mais apresentavam este comportamento, com pouca interação e engajamento e muitas vezes as vimos isoladas das crianças negras. Logo, a discriminação é algo evidente e o que nos chamou a atenção foi esse comportamento presente entre crianças que, à princípio são mais dadas a relacionamentos e se aproximam uns dos outros ao brincar. Isso indica que o processo discriminatório já é semeado nelas desde cedo. Reportando-nos a Nelson Mandela (1995 apud SILVA; TIRIBA, 2015, p.8): “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar”.

Tínhamos em mente, a clareza de que as brincadeiras têm impactos educativos e sociais e por isso brincávamos e conversávamos com elas, intensificando o diálogo e a interação por meio da ludicidade (MARANHÃO et al, 2007; KISHIMOTO, 2017). No decorrer dos dias, as crianças demonstraram-se mais extrovertidas; se aproximaram de nós, com maior engajamento entre si e sorrisos espontâneos; em especial os albinos apresentaram uma evolução em relação a comunicação. Para Carolino (2008) o passo de aproximação por meio do diálogo é promissor para reduzir o preconceito, e isso aconteceu durante as atividades lúdicas, quando notamos as crianças albinas mais à vontade.

Figura 1- Momento de explicação das atividades



Figura 2- Final da confecção das bonecas



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dias na aldeia da Caputa foram marcantes para a equipe e geraram diferentes sentimentos e emoções; a despeito dos momentos de alegria e risos, houve também lágrimas e pranto. O enfrentamento com o novo, trouxe percepções e reflexões relevantes e seguimos na realização do que foi proposto, acreditando que, além de deparar-nos com as nossas limitações e confrontos quanto ao etnocentrismo, poderíamos de alguma forma contribuir com o desenvolvimento daquelas crianças sem nos tornarmos “donos da verdade”.

As atividades socioeducativas com a finalidade de mudar comportamentos, já tem sido uma estratégia utilizada em diversas áreas do conhecimento e é irrefutável que devemos ressaltar a contribuição delas diante das práticas discriminatórias, neste caso, para com as pessoas albinas, situação esta, que nada tem a ver com fenômenos sobrenaturais de maldição.

Por conseguinte, acreditamos que as ações foram válidas e que as crianças poderão aceitar melhor umas às outras no convívio dentro daquela realidade.

AGRADECIMENTOS

Ao Centro Universitário UniEVANGÉLICA que tem estimulado pessoas a se envolverem com o Projeto Eduka + Angola, mobilizando discentes e docentes em um ato de dedicação e altruísmo à medida que dispõem de tempo e recursos pessoais gerando em si próprios experiências que levarão por toda a vida. Aos parceiros e pessoas que acreditam neste projeto e têm se dedicado e despertado a outros. Além disso, agradecemos às instituições e pessoas que doaram os materiais e recursos financeiros, os quais nos ajudaram a concluir esta missão.

REFERÊNCIAS

CAROLINO, Zailene de Aquino. *Racismo, preconceito e discriminação, diálogo com professores e alunos*. 2008. 60f. (Trabalho de Conclusão de Curso - Monografia), Curso de Licenciatura em Pedagogia, Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de

Campina Grande – Cajazeiras- Paraíba - Brasil, 2008. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/13192>, acesso em 02 de julho de 2020.

CRUZ-INIGO, Andres; LADIZINSKI, Barry; SETHI, Aisha. *Albinism in Africa: Stigma, Slaughter and awareness campaigns*. 2011. Disponível em: [https://www.derm.theclinics.com/article/S0733-8635\(10\)00140-3/fulltext](https://www.derm.theclinics.com/article/S0733-8635(10)00140-3/fulltext), acesso em 01 de julho de 2020.

JENKINS, Trefor. *Medical genetics in South Africa*. 1990. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1017281/pdf/jmedgene00050-0032.pdf>, acesso em 02 de julho de 2020.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo, Cortez, 2017, 183 p.

SILVA, Aínda M.M.; TIRIBA, Léa. *Direito ao ambiente como direito à vida: desafios para educação em direitos humanos*. São Paulo: Cortez, 2015.

MARANHÃO, Fabiano, GONÇALVES JUNIOR, Luiz, CORRÊA, Denise Aparecida. *Jogos e brincadeiras africanos nas aulas de educação física: construindo uma identidade cultural negra positiva em crianças negras e não negras*. In: XV Jornadas de Jovens Investigadores de la AUGM, 2007. Disponível em: http://www.defmh.ufscar.br/spqmh/pdf/2007/augm_jogosafro.pdf, acesso em 28 de dezembro de 2019.